

UM OLHAR PECHEUXTIANO SOBRE O ESCÂNDALO DE PASTORES NO MEC ANALISADO NUMA CHARGE: ENTRE PARÁFRASE E POLISSEMIA

A PECHEUXTIAN VIEW ON THE PASTORS' SCANDAL IN THE MEC ANALYZED IN A CARTOON: BETWEEN PARAPHRASE AND POLYSEMY

Dalexon Sérgio da SILVA¹

Claudemir dos Santos SILVA²

RESUMO

O presente trabalho estabelece um olhar pecheuxtiano sobre uma charge jornalística, que foi publicada no dia 24 de março de 2022 no site do Jornal do Commercio de Pernambuco, na qual há uma referência ao escândalo ocorrido no MEC, na gestão do Ministro da Educação do Brasil, Milton Ribeiro, do governo do presidente Bolsonaro, sobre pastores acusados de pedirem propina em ouro e em dinheiro, em troca de liberação de verbas do MEC para municípios. Assim sendo, por meio da Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxtiana, este artigo analisa as posições-sujeito, a paráfrase e polissemia presentes nesta charge, que traz já-ditos e funcionamentos constitutivos na exterioridade pela historicidade, inscritos numa rede de memórias, nessa relação sempre constitutiva entre paráfrase e polissemia.

¹ Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Pós-doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: dalexon.silva@unicap.br.

² Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Professor Formador I da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: claudemirsilva711@gmail.com.



PALAVRAS-CHAVE

paráfrase; polissemia; posições-sujeito; escândalo no MEC.

ABSTRACT

This paper establishes a Pecheuxtian look on a journalistic charge, which was published on March 24, 2022 on the website of the *Jornal do Commercio* of Pernambuco, in which there is a reference to the scandal that occurred in the MEC, in the management of the Minister of Education of Brazil, Milton Ribeiro, the government of President Bolsonaro, about pastors accused of asking for bribes in gold and cash, in exchange for release of MEC funds for municipalities. Thus, through the Materialist Discourse Analysis of Pecheuxtian strand, this article analyzes the subject-positions, the paraphrase and polysemy present in this charge, which brings already said and constitutive workings in exteriority by historicity, inscribed in a network of memories, in this always constitutive relationship between paraphrase and polysemy.

KEYWORDS

paraphrase; polysemy; subject-positions; scandal at the MEC.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao nos filiar-mos à Análise do Discurso de linha francesa, doravante (AD), constatamos uma série de concepções que reúnem o seu arsenal teórico-metodológico. Tais concepções, contribuem para o batimento simultâneo entre teoria e metodologia, uma vez que a AD enquanto disciplina de interpretação, trata-se de um dispositivo/procedimento de análise. Nesse sentido, ao falarmos em análise, em seus muitos efeitos de sentido, poderíamos pensar em um exame, um estudo, um olhar mais detalhados, por exemplo, de nossa atual conjuntura social.

E, assim, mais especificamente, trazemos à baila nosso artigo intitulado:

Um olhar pecheuxtiano sobre o escândalo de pastores no MEC analisados



numa charge: entre paráfrase e polissemia. Em vista disso, ao apresentarmos as nossas questões de pesquisa, a saber: 1) O que Michel de Pêcheux diria sobre o escândalo de pastores no MEC? 2) Como a paráfrase e a polissemia funcionam na charge analisada?

Dessa maneira, é necessário que imaginemos Pêcheux vivendo atualmente na conjuntura social brasileira. A partir disso, é possível dizermos que através dos seus escritos, que circulam entre nós, Michel de Pêcheux vê o atual contexto brasileiro tendo em vista as suas condições de produção, por meio do seu olhar que funciona em nós, no nosso ato tomado em relação ao simbólico, em nosso modo de ressignificar a teoria. Ou seja, compreendemos que Pêcheux está vivo nesse batimento teórico-analítico e, por isso, se diz em nosso trabalho.

Na prática, como já dito, o presente trabalho estabelece um olhar pecheuxtiano sobre uma charge jornalística, que foi publicada no dia 24 de março de 2022 no *site* do Jornal do Commercio de Pernambuco, na qual há uma referência ao escândalo ocorrido no MEC, na gestão do Ministro da Educação do Brasil, Milton Ribeiro, do governo do presidente Bolsonaro, sobre pastores acusados de pedirem propina em ouro e em dinheiro, em troca de liberação de verbas do MEC para municípios. Nessa perspectiva, a *Revista Fórum*, apresenta já no dia 22 de março de 2022, a notícia intitulada: *Propina dourada - Escândalo: pastor do MEC pediu 1 kg de ouro em troca de recursos para cidade, diz prefeito*, esclarece que segundo Gilberto Braga, prefeito de Luis Domingues (PSDB/MA), o pastor Arilton Moura pediu ouro como condição de liberar verbas para construção de escolas e creches, logo após reunião com o ministro.



Nesse contexto, é importante salientarmos que Milton Ribeiro fora o quarto ministro da Educação da gestão Jair Bolsonaro (PL). Ele assumiu em julho de 2020. Antes, foi vice-reitor da Universidade *Mackenzie* e vice-presidente do conselho deliberativo da mantenedora da instituição. Antes dele, no ministério: O primeiro a deixar o cargo foi Ricardo Vélez Rodriguez, em abril de 2019. Em seguida, Abraham Weintraub assumiu o cargo, mas permaneceu até junho de 2020 após insultar o STF (Supremo Tribunal Federal). O economista Carlos Alberto Decotelli foi nomeado para o posto em junho de 2020, mas não chegou a assumir. Depois de um mal-estar causado por uma série de informações falsas no currículo, o governo optou por nomear Ribeiro.

Assim sendo, por meio da AD de vertente pecheuxtiana, este artigo analisa as seguintes concepções: posições-sujeito, paráfrase e polissemia presentes na charge em análise. Diante disso, traz já-ditos e funcionamentos constitutivos na exterioridade pela historicidade, inscritos numa rede de memórias, nessa relação sempre constitutiva entre paráfrase e polissemia.

A partir das questões, postas até então, este artigo está estruturado de forma a apresentar o trabalho ao leitor. Inicialmente, nas considerações iniciais, justificando-o e delimitando problematizações, questões e objetivos de pesquisa. À vista disso, no item 1, pretendemos situar, brevemente, algumas considerações sobre *o escândalo de pastores no MEC, noticiado em veículos de comunicação no Brasil*. A posteriori, no tópico 2, discutiremos *Pêcheux e a Análise Materialista do Discurso: sobre posição-sujeito, paráfrase e polissemia*. Em seguida, evidenciamos o percurso metodológico do trabalho, para, finalmente, no item 4, trazermos à discussão o *corpus* discursivo,



onde nos debruçaremos sobre a charge jornalística em apreço. Por último, haverá o fechamento do trabalho com as considerações finais.

2. O ESCÂNDALO DE PASTORES NO MEC NOTICIADO EM VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Diante das questões delineadas, e fundamentados em notícias publicadas em alguns *sites*, poderemos discutir e chegarmos a algumas conclusões. *A priori*, o *Jornal Estadão*, do dia 18 de março de 2022, apresenta a matéria: *Gabinete paralelo de pastores controla agenda e verba do Ministério da Educação*. Assim, esclarece que com livre circulação no MEC, religiosos ligados ao titular da pasta, Milton Ribeiro, atuam na intermediação com prefeitos que buscam recursos federais para a área. A notícia segue informando que o gabinete do ministro da Educação, foi capturado por um grupo de pastores ligados a ele. Segundo apurou o *Estadão*, embora não tenham vínculos com a administração pública nem com o setor de ensino, eles formam um gabinete paralelo que facilita o acesso de outras pessoas ao ministro e participam de agendas fechadas onde são discutidas as prioridades da pasta e até o uso dos recursos destinados à educação no Brasil.

De acordo com o *Correio Braziliense* postado em 24/03/2022, lemos a notícia: *Escândalo na educação. Pastor que atuava como lobista no MEC abriu uma faculdade*. Ou seja, ao usar, conforme o *site*, de sua influência, o líder religioso facilitava a liberação de verbas para prefeitos por meio do Ministério da Educação. À época, surgira naquela quinta-feira (24/3), uma nova denúncia envolvendo o pastor Gilmar Santos, na escalada da crise envolvendo o Ministério da Educação. De acordo com informações do jornal *O Globo*, o líder religioso teria usado sua influência para conseguir repasses



de recursos da pasta para a criação de uma faculdade, a “Faculdade ITCT”, aberta em 8 de março na Junta Comercial de Goiás, na qual foram investidos R\$ 100 mil na criação da instituição. Os repasses seriam destinados a prefeitos. Conforme o mencionado *site*, o pastor é apontado como um lobista que atuava no MEC para ajudar prefeitos a conseguir liberação de recursos públicos. Ele tinha acesso ao Palácio do Planalto e se reuniu quatro vezes com o presidente Jair Bolsonaro, responsável por recomendar o religioso ao titular da pasta, Milton Ribeiro.

Ao apresentar, no dia 22 de março de 2022, a notícia intitulada: *Propina dourada - Escândalo: pastor do MEC pediu 1 kg de ouro em troca de recursos para cidade, diz prefeito*, a Revista Fórum, como já dito, esclarece que segundo Gilberto Braga, prefeito de Luis Domingues (MA), o pastor Arilton Moura pediu ouro como condição de liberar verbas para construção de escolas e creches, logo após reunião com o ministro Milton Ribeiro. Segundo a *Fórum*, os indícios de corrupção no Ministério da Educação que vieram à tona com a informação de que o ministro Milton Ribeiro mantém um “gabinete paralelo” de pastores na pasta foram reforçados, à época naquela terça-feira (22/03) a partir de denúncia feita pelo supracitado prefeito ao jornal *Estadão*.

A solicitação do pastor teria ocorrido em abril de 2021 durante um almoço em Brasília, logo após uma reunião com o próprio ministro Milton Ribeiro, dentro do MEC. Gravação mostrara Ribeiro assumindo que o presidente Jair Bolsonaro pediu que o órgão priorizasse os pedidos feitos por Gilmar Silva dos Santos, presidente da Convenção Nacional de Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Já a coluna do *site* Uol, do dia 28/03/2022, apresenta a reportagem: *Milton Ribeiro pede*



exoneração do MEC. Sendo assim, Milton Ribeiro pediu exoneração do cargo de ministro da Educação hoje (28/03). A saída foi publicada em edição extraordinária do Diário Oficial da União por volta das 16h40. Ribeiro esteve no Planalto no início da tarde e conversou pessoalmente com Jair Bolsonaro (PL). Em princípio, ele deve ser substituído por Victor Godoy, secretário-executivo do MEC, sendo o número dois na pasta e atuava como braço-direito do ex-ministro.

3. PÊCHEUX E A ANÁLISE MATERIALISTA DO DISCURSO: SOBRE POSIÇÃO-SUJEITO, FORMAÇÕES DISCURSIVAS, PARÁFRASE E POLISSEMIA

Envolvido com a prática política e com um empreendimento teórico por consolidar, a AD foi idealizada por Michel Pêcheux. Nessa perspectiva, compreendemos que o projeto dessa corrente surge a partir das reflexões e inquietações teóricas desse filósofo marxista-leninista, por meio da égide da chamada “Tríplice Entente”: Saussure, Marx e Freud, firmando-se como um campo teórico de tradição intelectual, filosófica e política com desdobramentos até hoje. Portanto, “a AD se instaura na França pelo viés das efervescências dos acontecimentos históricos de *Maio de 1968* e as rupturas epistemológicas, filosóficas, teóricas e políticas no cerne da Linguística, enquanto *ciência régia* das ciências humanas” (FERREIRA, 2015, p.14).

Em síntese, a “aventura teórica” de Pêcheux tem início com sua “*Analyse automatique du discours*” (Análise Automática do Discurso – AAD-69), no entanto, como nos lembra Ferreira (2015), as primeiras inquietações teóricas do autor, encontram-se assinadas e publicadas sob o pseudônimo de *Thomas Herbert*. Por isso, é relevante destacarmos que em toda a sua trajetória de vida teórica, política e filosófica há a



contribuição de um homem que escreve uma obra (nunca acabada) e que sempre se confundiu com ela. No tocante aos desdobramentos para a constituição da AD, sobretudo, constitui-se uma abordagem teórica que se instaura necessariamente de um movimento de três rupturas ou cortes epistemológicos – ao gosto da metáfora da ruptura cunhada por Bachelard e Canguilhem – que, por sua vez, instituíram deslocamentos, em três campos do conhecimento para refletir sobre a língua, a história e o sujeito, Pêcheux (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] (1997); FERREIRA (2015)) lança mão de três disciplinas, a saber:

1. **No campo do Materialismo histórico e dialético:** o homem faz a história, mas essa também não lhe é transparente. Assim, convocamos uma teoria materialista da história para explicar os fenômenos das formações e transformações sociais. Posto que, nesse contexto histórico, salienta a teoria da ideologia de Louis Althusser;
2. **No campo da Linguística estruturalista:** como hipótese dos mecanismos sintáticos e dos projetos articulados por uma teoria da subjetividade. Questionamos, portanto, a autonomia e a transparência da língua, na busca por uma teoria do discurso que explicasse os processos de enunciação;
3. **No campo da Psicanálise:** o sujeito é recoberto pela opacidade, ou seja, ele não é transparente nem para si mesmo. Busca-se, também, uma teoria acerca dele que explicasse as questões referentes à sua subjetividade e sua respectiva relação com a história e o simbólico.

Dessa maneira, a AD, como bem pontua Ferreira (2015), constrói o seu arcabouço teórico e metodológico sob o viés de uma reflexividade profunda a partir das bases da Linguística: Saussure, Harris, Dubois, Culioli, entre outros. Articula os seus pressupostos com outras áreas do conhecimento, a saber: Althusser, no resgate do Marxismo e seu Materialismo Histórico, processando por meio de um deslocamento, a



teoria Ideológica; Lacan, retomando e reformulando a teoria psicanalítica do inconsciente instaurada por Freud e Foucault: propondo uma Teoria do Discurso. Nesse sentido, “com efeito, a AD vai-se constituir como uma disciplina de entremeio³, fazendo-se na contradição dos três campos de saber – a linguística, a psicanálise e o marxismo – ela terá um particular desenho disciplinar” (ORLANDI, 2015, p. 14).

À noção de formação discursiva (FD), Pêcheux (2009) esclarece que “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2009, p. 160). No entendimento de Orlandi (1996), uma FD é, “o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia” (ORLANDI, 1996, p. 21). Diante disso, a prática discursiva mostra que o sujeito, quando fala, adere à formação discursiva (FD) em que está inscrito, mobilizando dizeres a partir de tal inscrição. Atrelado a isso, “uma posição-sujeito se constitui como uma relação determinada de o sujeito se relacionar com o sujeito histórico, identificando-se com o mesmo” (COURTINE, [1981] (1995), p. 43).

A noção de paráfrase vem associada à produção de efeitos sentido. O sentido só ganha espaço na materialidade discursiva na medida em que a sequência é pertencente necessariamente a esta ou aquela FD. Nessa perspectiva, Pêcheux e Fuchs ([1975] (1997)). afirmam que “a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia

³ Expressão utilizada por Orlandi (2015, p. 76), que retoma aquilo dito por Pêcheux e nomeia a AD como uma disciplina de “entremeio”. O termo, bem aplicado, remete a espaços ocupados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias.



chamar a ‘matriz de sentido.’ (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] (1997)) p. 169). Nesse entretecer discursivo, a polissemia, segundo Orlandi (2013) “é a ruptura de processos de significação, ou seja, poderá fazer novas interpretações do assunto tratado”. (ORLANDI, 2013, p. 36).

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

É propósito nosso, neste campo, expormos os procedimentos metodológicos que propiciaram o passo a passo para o adequado seguimento desta pesquisa. De início, acessamos, no dia 03 de dezembro 2022, o site do *Jornal do Commercio de Pernambuco* e vimos uma charge política que trazia referências ao escândalo de pastores no Ministério da Educação do Brasil - MEC.

Logo, isso nos chamou a atenção, principalmente, pelo modo como a charge (re)atualizava já-ditos. Então, a partir dessa observação, vimos questões teóricas e analíticas a serem analisadas pelo viés da Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxtiana. Para tal, fizemos um *print* da charge com um aparelho de celular, para constituir o nosso *corpus* discursivo.

Depois, procedemos à análise dessa materialidade, pois entendemos que a charge possui uma forma material na qual podemos analisar, por exemplo, o funcionamento da paráfrase, da polissemia e das posições-sujeito de ministro, pastores e presidente, que nos permitem mobilizar um gesto de leitura e de interpretação.

Desse modo, buscamos responder duas questões que nos provocaram na charge, sendo elas: 1) O que Michel de Pêcheux diria sobre o escândalo de pastores no MEC? 2) Como a paráfrase e a polissemia funcionam na charge analisada?



5. UM OLHAR ANALÍTICO PECHEUXTIANO SOBRE UM CORPUS DISCURSIVO

Figura 1 — Charge do *Jornal do Commercio de Pernambuco*



Fonte: *Jornal do Commercio de Pernambuco* (2022, on-line).
Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/charge-do-dia>. Acesso em: 03 de dezembro de 2022.

Para que possamos compreender o modo como essa charge significa ao produzir efeitos de sentidos, é preciso dizemos, em nosso gesto teórico-analítico pelo olhar pecheuxtiano que se estabelece sobre um objeto simbólico, que este artigo compreende a charge como materialidade discursiva⁴ devido ao

⁴ Chama-se Análise Materialista do Discurso devido à releitura que Pêcheux fez de Althusser, que por sua vez, fez uma releitura de Marx (HENRY, 2014). Para Pêcheux, a materialidade se refere aos processos discursivos e todo discurso está imbricado ao político, a luta de classes e à linguagem (PÊCHEUX, 2014). Desse modo, o discurso possui uma forma material que traz em si embates ideológicos e relações de poder, a partir da posição que o sujeito ocupa inscrito numa formação discursiva numa dada conjuntura social.



fato de ela possuir uma forma material, que permite ao analista compreender, principalmente, o processo de luta de classes em posições-sujeito, a produção de sentidos em sua paráfrase e polissemia no seu funcionamento, que atuam como unidade de sentido em relação à situação, à conjuntura social brasileira. Nesse sentido, Pêcheux (2009), ao articular ideologia e inconsciente na linguagem, revela que os sentidos são constituídos historicamente por meio dessa relação simbólico/ideologia/inconsciente e é a materialidade que permite entender o funcionamento da(s) ideologia(s) pelo inconsciente.

É nessa maneira de significar, que a charge aqui analisada traz em si a historicidade constitutiva de todo dizer ao promover o encontro de uma atualidade (o escândalo de pastores no MEC) e uma rede de memórias (já-ditos que circulam na memória do dizer sobre corrupção, governo de extrema-direita, cristofascismo, bolsonarismo, dentre outros). Nesse ponto, já situamos ao leitor, neste trabalho, no campo teórico anterior, em quais condições de produções do discurso esta charge está filiada, isto é, numa relação intrínseca com pastores que formavam um suposto gabinete paralelo com denúncias de terem o apoio do então senhor Ministro da Educação do Brasil, Milton Ribeiro, autorizado pelo presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.

Assim sendo, é importante compreendermos as condições de produção do discurso, pois de acordo com Orlandi (2013), as condições de produção do discurso compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação (aqui, analisados, pastores do MEC, presidente e ministro). Em vista disso, observamos que a charge se apresenta em sua forma material (exterioridade constitutiva pela historicidade), com a representação de um título onde está escrito o temo “O pastor”, a representação da imagem de um sujeito vestido



de paletó com a cabeça desenhada de um lobo, segurando com a mão direita uma Bíblia e com a mão esquerda um cajado com a ponta de lápis, onde se é possível ver a sigla “MEC”, ainda há uma caixa de diálogo onde podemos ler a frase: “Com a bênção do Messias” e, ao seu redor, a representação de quatro ovelhas, sendo três ovelhas com desenhos de cifrão de dinheiro e uma ovelha de ouro, onde se lê o termo “Ouro”.

Dito isso, o que Michel Pêcheux nos diria sobre o escândalo de pastores no MEC presente nessa charge? Primeiramente, por meio dos seus escritos, Pêcheux (2014) nos diz que o sentido não está colado nessa charge, mas se estabelece na inscrição dela na exterioridade constitutiva pela historicidade, por meio de já-ditos, pois segundo Pêcheux (2014), algo fala antes, em outro lugar, de modo independente e diferentemente. Isso posto, para Pêcheux (1999, 1984) todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Mas quais já-ditos são possíveis analisarmos como moventes nesta charge?

Dentre os muitos sentidos e saberes possíveis de observarmos nessa charge, com um olhar pecheuxtiano, é interessante pontuarmos que não vemos nela um simples pastor de ovelhas vestido com roupas campestres a cuidar do seu rebanho, mas sim, um modo de (d)enunciar a realidade social brasileira, por meio de figuras que trazem memórias sobre o que é e como se posiciona a atuação de pastores no MEC. Nessa retomada de valores, práticas e representações sociais, encontramos elementos que fazem parte desse evento social (o pastor a cuidar de suas ovelhas) sendo ressignificados (um pastor de ovelhas vestido de terno, com cajado ponta de lápis e com ovelhas de ouro e dinheiro, por exemplo).



Nessa ressignificação, é possível percebermos que o termo “Com a bênção do Messias”, presente na charge, não apenas faz referência ao nome do presidente Jair Messias Bolsonaro, no sentido permissivo, de que os pastores e o ministro atuaram no MEC sob sua permissão, mas ativa memórias que se ramificaram sobre o presidente, pois Bolsonaro representa um arsenal simbólico não só de evangélicos, mas de cristãos católicos que o reconhecem como a melhor e única saída para as mazelas do país, ou seja, estabelece-se uma relação entre a figura do candidato e o forte messianismo do catolicismo popular e evangélico do pentecostalismo. É importante lembrar que católicos e evangélicos uniram-se à bancada evangélica, na Câmara dos Deputados, em uma só voz contra pautas relacionadas à descriminalização do aborto e o casamento gay.

Outra relação possível de analisarmos no enunciado “Com a bênção do Messias”, é um funcionamento, de modo irônico, que ativa memórias que nos apontam para saberes sobre o cristofascismo, por exemplo. Dito de outro modo, em 1970, a teóloga alemã *Dorothee Sölle* criou o termo “cristofascismo” para se referir às relações entre o partido nazi e as igrejas cristãs no desenvolvimento do Terceiro Reich. Em 2020, ao lançar o livro “Pandemia cristofascista” (Editora Recriar), o também teólogo Fábio Py, docente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da UENF, resgatou o termo, trazendo-o para o contexto brasileiro. Logo, o cristofascismo brasileiro é, segundo Py (2020), a aliança entre igrejas cristãs e bolsonaristas para a implantação de um governo autoritário, com características neofascistas e ultraliberais.

Nesse contexto, ainda de acordo com Py (2020), são muitas as analogias com o cristofascismo alemão. Assim como *Hitler*, Bolsonaro utiliza jargões cristãos como parte preponderante de seus discursos, como o clássico



“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. De modo semelhante ao ditador nazista, o presidente brasileiro também participa de eventos promovidos pelas igrejas cristãs, relacionando-se com seus líderes. E, dentre suas estratégias para alçar o poder e manter sua imagem em alta, se vale de seguidas conversões ao cristianismo. Dessa forma, o cristofascismo bolsonarista promove-se por meio de uma teologia política autoritária, pautada hoje no clima apocalíptico do messias. Ao mesmo tempo que durante toda a sua campanha para presidente do Brasil, o termo “messias” fazia analogia apocalíptica a Jesus Cristo, pois assim como Jesus foi anunciado como aquele que viria e virá para salvar a humanidade, O “Messias”, Jair Messias Bolsonaro, seria o “prometido”, o “escolhido de Deus”, para salvar o Brasil do mal, que segundo o maniqueísmo bolsonarista dele e de seus seguidores, seria o PT, chamado por eles também de petralhas ou esquerdopatas.

É desse modo de analisar que, na ótica pecheuxtiana, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo numa tensão constitutiva entre os processos de funcionamento da linguagem, ou seja, entre a paráfrase e a polissemia. Nessa perspectiva, de acordo com Orlandi (2012b, 2013), os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer algo se mantém, ou seja, a memória. Há na paráfrase uma estabilização, produção do mesmo sentido sob muitas formas. Nos processos polissêmicos há o deslocamento, ruptura, ele é o responsável por múltiplos sentidos (o Messias do no Jair Bolsonaro, o Messias que representa Jesus e o Messias que aponta para estudos sobre o cristofascismo, dentre outros possíveis).

Nessa diretriz, podemos analisar como se mostram as posições-sujeito de pastor de ovelhas, pastores do MEC, ministro e presidente do Brasil, pois ao marcar o enunciado “Com a bênção do Messias”, é possível



entendermos pela atuação do interdiscurso, que os pastores só atuaram no MEC, porque foram autorizados pelo ministro da Educação Milton Ribeiro e pelo sujeito Bolsonaro, em sua posição-sujeito de presidente do Brasil. Na prática, “uma posição-sujeito se constitui como uma relação determinada de o sujeito se relacionar com o sujeito histórico, identificando-se com o mesmo” (COURTINE, [1981] (1995), p. 43).

A charge também dialoga com o discurso bíblico em torno da figura pastoral, pois a Bíblia apresenta o perfil dos bons pastores, como sendo aqueles que cuidam de seu “rebanho”, procurando fortalecer os fracos, doentes, liderando com amor e mansidão, dando o melhor de si para as “ovelhas”. Nesse ponto, a Bíblia trata, também, de advertir-nos em relação aos maus pastores. No Livro de Ezequiel, capítulo 34, desde a epígrafe já constatamos: “Profecia contra os pastores infiéis de Israel”. Nos versículos 2 e 3, lemos: [...] assim diz o Senhor Jeová: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos. Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, e vos vestis da lã, e degolais o cevado, mas não apascentais as ovelhas”.

Nesse sentido, percebemos que os tais cuidam de si próprios, preocupando-se com seu bem estar, lideram com severidade e guardam o melhor para si. Assim sendo, de acordo com o relato bíblico, Deus utilizando-se do seu profeta Ezequiel, envia-o ao povo e revela que os líderes/pastores infiéis da época deixaram de cuidar do rebanho. E, além disso, abusaram de sua autoridade, explorando o povo. Logo, os pastores que viessem a falhar com seu “rebanho”, deveriam ser removidos do cargo e considerados responsáveis pelo que viesse a acontecer aos sujeitos que não foram liderados corretamente. Nessa conjuntura, a AD garante, no interior da luta de classes, espaço para a circulação de sentidos outros, mas traz em seu bojo um conscientizar-nos



acerca do modelo de pirâmide social vigente, em suas classes: alta, média e baixa (pastor e ovelhas, líder e liderados, opressores e oprimidos).

De maneira que entre os efeitos de sentido, o pastor trata-se de um líder e pertence ao primeiro escalão, isto é, está no topo da pirâmide e, por isso, se acha superior. Já as ovelhas são/devem ser subordinadas/submissas/obedientes aos seu pastor, uma vez que estão sob o comando de seu líder e pertencem a classe média e/ou baixa na esfera social. Nesse encadeamento discursivo, fundamentados nos dizeres de Althusser (1992), compreendemos que “o discurso é uma das formas de realização do ideológico”, de modo que a ideologia se materialize no discurso. Conseqüentemente, “o mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é o mecanismo da sujeição” (ALTHUSSER, 1992, p.08).

Nesse contexto, tendo em vista tais dizeres, a partir da charge analisada, é possível vermos que a cabeça do pastor se transforma em cabeça de lobo, numa reverberação do texto bíblico ao apontar que a cabeça de lobo é devoradora, capaz de devorar as riquezas do das ovelhas do rebanho. No caso, o rebanho é transformado no próprio MEC, de onde os pastores saqueiam as ovelhas, que ao invés de se vestirem de lã, estão representadas, na charge, vestidas de ouro e de cifrão de dinheiro.

Essa retomada é possível, porque ao trazer referências da cultura campestre, a charge se posiciona por meio de condições históricas que a inscreve no domínio das relações de semelhança entre o evento social do pastor cuidador de ovelhas e o atual escândalo de pastores no MEC. Nessa diretriz, a paráfrase é compreendida como o retorno aos mesmos espaços do dizer (o mesmo) e a polissemia (o diferente) é o espaço onde sujeitos e sentidos se movimentam, significam-se de diferentes formas (o pastor de



ovelhas passa a ser pastor do MEC com ovelhas de dinheiro e de ouro). É nesta tensão entre o mesmo e o diferente que alguns sentidos são mobilizados e outros silenciados. Nessa diretriz, Pêcheux (2008, 2009) afirma que todo enunciado possui pontos de deriva possíveis, é suscetível de tornar-se outro, deslocando seu sentido para outros diferentes de si mesmo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso gesto teórico-analítico analisou, por meio de um olhar pecheuxtiano sobre uma charge, duas questões, a saber: o que Michel de Pêcheux diria sobre o escândalo dos pastores no MEC? 2) Como a paráfrase e a polissemia funcionam na charge analisada?

Assim sendo, observamos sentidos produzidos, ponto em relação ao dizer (charge) com sua exterioridade (escândalo de pastores do MEC), em suas condições de produção. Para tal, analisamos a relação entre paráfrase e polissemia, nas posições-sujeito de pastor, ministro e presidente, constitutiva da produção de sentidos na linguagem.

Por meio da paráfrase, observamos a (re)produção variada dele: ancoragem e retomada dos sentidos históricos (pré-construídos), que se reproduzem intradiscursivamente no funcionamento enunciativo-discursivo, por meio das operações sintáticas e das escolhas lexicais, analisando os termos: “Com a bênção do Messias”, por exemplo.

Num olhar pecheuxtiano, analisamos como a charge resgata dizeres que já estão estabelecidos na memória (evento social de um pastor a cuidar de suas ovelhas) e o reformula, abrindo espaço para o novo (pastor de paletó com cabeça de lobo, cuidando de ovelhas de ouro e de dinheiro, segurando um cajado com o nome MEC escrito nele). Essa tensão entre a retomada do



mesmo e a possibilidade do diferente acaba com a separação entre paráfrase e polissemia, uma vez que esses processos discursivos atuam em associação, sendo uma contraparte do outro, por exemplo, entre o bom e o mau pastor.

Dessa maneira, a charge nos apresenta o diferente, a criatividade, o deslocamento, o movimento dos sentidos. Este processo traz elementos que se repetem, reproduzem, parafraseiam, mas sempre há contingências que instauram “saltos”, deslocamentos, ressignificações do mesmo, construindo novos sentidos para o dizer. Nessa rede de filiação de sentidos, é a polissemia na linguagem que garante que um mesmo objeto simbólico passe por diferentes processos de ressignificação.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

COURTINE, Jean Jacques. *Analyse du discours politique (le discours communiste adresse aux chretiens)*. **Langages**, Paris, 1981. Trad. Maria Alice Maciel Alves. mimeo. 1995.

FERREIRA, Erasmo da Silva. **O discurso de Médici e seus jogos: questões sobre o silenciamento e a representação do outro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014.



ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Unicamp, 1997 [1975].

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. In: LAGAZZI, Suzy; ORLANDI, Eni Punicelli. (org.). **Discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Rôle de la mémoire. In: MALDIDIER, D. (org.). **Histoire et Linguistique**. Paris: La Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.). **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014.

PY, Fábio. **Pandemia cristofascista**. São Paulo: Recriar, 2020.



SOLLE, Dorothee. **beyond mere obedience**: reflections on achristian ethic for the future. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1970.

Sites consultados

CORREIO Brasiliense. Pastor que atuava como lobista no MEC abriu uma faculdade. **Correio Brasiliense**, Brasília, DF, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2022/03/4995574-pastor-que-atuava-como-lobista-no-mec-abriu-uma-faculdade.html>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ESTADÃO. Gabinete paralelo de pastores controla agenda e verba do Ministério da Educação. **Estadão**, São Paulo, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pastores-controlam-agenda-e-liberacao-de-dinheiro-no-ministerio-da-educacao,70004012011>. Acesso em: 28 mar. 2022.

ESTADÃO. Gabinete paralelo: entenda o escândalo com pastores no MEC. **Estadão**, São Paulo, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,gabinete-paralelo-pastores-mec-entenda,70004016056>. Acesso em: 22 mar. 2022.

LONGO, Ivan. Escândalo: pastor do MEC pediu 1 kg de ouro em troca de recursos para cidade, diz prefeito. **Forum**, [S. l.], 22 mar. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/3/22/escndalo-pastor-do-mec-pediu-kg-de-ouro-em-troca-de-recursos-para-cidade-diz-prefeito-111914.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.

ARAÚJO, Carla. Milton Ribeiro pede exoneração do MEC. **Uol**, [S. l.], 28 mar. 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/colunas/carla-araujo/2022/03/28/milton-ribeiro-pede-exoneracao-do-mec.htm>. Acesso em: 28 mar. 2022.